

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

HUGO SEGHESSI ALBINO

Viajantes da Solidão: Reflexões sobre Identidade e Representatividade
em *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder

São Carlos, SP
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

HUGO SEGHESSI ALBINO

Viajantes da Solidão: Reflexões sobre Identidade e Representatividade
em *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder

Trabalho de Conclusão de Curso entregue à Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como parte das exigências para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Português e Espanhol.

Orientador: Antón Castro Míguez

São Carlos, SP
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

HUGO SEGHESSI ALBINO

Viajantes da Solidão: Reflexões sobre Identidade e Representatividade
em *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder

Trabalho de Conclusão de Curso
entregue à Universidade Federal de São
Carlos – UFSCar, como parte das
exigências para obtenção do título de
Graduado em Licenciatura Plena em
Português e Espanhol.

Banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e orientador Antón Castro Míguez, pelas orientações, ideias, paciência e compreensão durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Maria Lucia e Odair, e minhas irmãs, Ana Lúcia e Maria Alice, por todo o suporte, não apenas durante a graduação, mas durante toda a minha formação.

Agradeço a minha companheira, Bárbara, por todo o apoio, me ajudando a respirar e focar no que precisava ser feito, por todo o afeto e carinho ao longo da elaboração deste trabalho.

Agradeço a Rebeca Sacchi e Victor Hugo dos Santos, amigos de curso, pelo tempo juntos, aliviando o stress nos piores momentos e compartilhando risadas seja em frente aos ATs da UFSCar, ou na mesa de bar.

A Gabriel Baptistella, Rafaela Gonçalves e Antonio Olivatto, amigos de RPG (embora creia que o que menos fizemos neste período todo foi, de fato, jogar RPG). Obrigado por todo o apoio.

ALBINO, H. S. Viajantes da Solidão: Reflexões sobre Identidade e Representatividade em *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2024.

RESUMO

Este trabalho busca analisar e explorar a obra *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder, expondo reflexões calcadas na pós-modernidade e nos estudos queer. Por meio dos estudos de Louro (2020), Bakhtin (2014), Barthes (2022) e Flusser (2023), há uma base sólida para analisar a obra de Schroeder, romance este composto, para além do texto, de fotografias, poesias e ensaios. O trabalho busca aprofundar-se no conceito de viajante pós-moderno, elaborado por Louro, bem como na solidão da sociedade pós-moderna, a violência e a ausência de afeto. A construção de alter ego dentro da obra pelo autor, através dos personagens Copi e Renê, permite a exploração, também, da relação entre o autor e a obra, fugindo de obras convencionais que costumam ser mais herméticas neste quesito.

Palavras chave: Literatura, Literatura queer, *As fantasias eletivas*.

ALBINO, H. S. Viajeros de la Soledad: Reflexiones sobre Identidad y Representatividad en *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder. Monografía para obtención de grado. Universidad Federal de São Carlos. San Carlos, 2024.

RESUMEN

Este trabajo busca analizar y explorar la obra *Las fantasías electivas*, de Carlos Henrique Schroeder, exponiendo reflexiones basadas en la posmodernidad y en los estudios queer. Por medio de los estudios de Louro (2020), Bakhtin (2014), Barthes (2022) y Flusser (2023), hay una base sólida para analizar la obra de Schroeder, una novela compuesta, más allá del texto, por fotografías, poesías y ensayos. El trabajo busca profundizar en el concepto de viajero posmoderno, elaborado por Louro, así como en la soledad de la sociedad posmoderna, la violencia y la ausencia de afecto. La construcción de alteregos dentro de la obra por parte del autor, a través de los personajes Copi y Renê, permite también la exploración de la relación entre el autor y la obra, escapando de obras convencionales que suelen ser más herméticas en este aspecto.

Palabras clave: Literatura, Literatura queer, *As fantasias eletivas*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 O rejunte do piso (SCHROEDER, p. 82).....	14
Figura 2 O pino de incêndio (SCHROEDER, p. 84)	15
Figura 3 A pizza (SCHROEDER, p. 90)	15
Figura 4 O telefone público (SCHROEDER, p. 89)	16
Figura 5 O tecido (SCHROEDER, p. 78).....	17
Figura 6 A garota na linha de trem (SCHROEDER, p. 54)	19
Figura 7 O autorretrato (?) (SCHROEDER, p. 79)	20
Figura 8 A mochila e a lixeira (SCHROEDER, p. 76)	23

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO.....	8
COPI E RENÊ, VIAJANTES PÓS-MODERNOS	10
FOTOGRAFIA E ESCRITA DE COPI	13
TRANSBORDAMENTO DO ALTER EGO.....	19
SOLIDÃO PÓS-MODERNA NA OBRA DE SCHROEDER.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

APRESENTAÇÃO

Creio que, para além de uma apresentação, este preâmbulo ao texto é mais que tudo uma advertência: este trabalho não é uma monografia tradicional. Aproximando-se mais de um ensaio, ou um “ensaio-polaroid”, dialogando com a obra analisada, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca desvelar o diálogo entre a obra e o leitor, este que ocupa agora a posição de autor deste trabalho. Com isto, diferente uma monografia tradicional, onde geralmente se busca responder questões, neste faremos o caminho oposto, propondo questões e dialogando com elas, sem exatamente propor respostas ou encaminhamentos.

Portanto, o que estará disposto neste trabalho será para além de tudo, reflexões realizadas através da obra de Schroeder. Um dos pilares deste ensaio é o conceito de viajante pós-moderno, criado por Guacira Lopes Louro. Aproveitando-se deste conceito, este ensaio propõe que o leitor possa tornar-se um viajante pós-moderno através da leitura de uma obra.

Isto torna impossível que não haja um transbordamento de minha individualidade para dentro deste texto através desta viagem pós-moderna, uma característica em comum com a obra de Schroeder, que para isto faz uso de alter ego em sua obra.

O termo “ensaio-polaroid”, cunhado anteriormente, é, também, herdado da obra de Schroeder, que se utiliza de instantâneas tiradas por uma máquina Polaroid em sua obra. Assim como uma Polaroid busca registrar um momento e possibilita uma visualização instantânea da foto (disto surge o termo “instantânea” para referir-se a este tipo de fotografia), este ensaio também busca este efeito “instantâneo” e por isso a maior preocupação em expor questões e possibilidades, do que respondê-las em si.

INTRODUÇÃO

As fantasias eletivas, de Carlos Henrique Schroeder, foi publicado em 2014. Situado em Balneário Camboriú, Santa Catarina, o romance foca sua narrativa em dois protagonistas, Renê e Copi. Renê é um atendente de hotel que trabalha no período noturno e possui o apelido de Mr. Álcool, dado por seus colegas de trabalho, por conta de suas manias de limpeza, frequentemente limpando o balcão do hotel com álcool. Enquanto Copi é uma imigrante argentina, que, apesar de formada em jornalismo, se prostitui em Balneário Camboriú.

Ao longo do romance, que majoritariamente segue a perspectiva de Renê, acompanhamos a evolução da relação destes dois personagens, que, a princípio, parecem tão distantes a ponto de se tornar difícil elencar alguma semelhança entre os dois; porém esta impressão, como veremos ao longo deste ensaio, é meramente um engano.

A complexidade desses personagens, tanto em suas individualidades, quanto no desenvolvimento de sua relação, suscita diversas reflexões, colocando em xeque questões de identidade e representatividade das personagens que possuem o poder de transbordar para fora do texto literário e impactar o leitor. Inclusive é possível ampliar estes questionamentos para o próprio autor da obra, dado que ocorrem diversos transbordamentos deste para dentro da obra, como o fato de Schroeder ter trabalhado como recepcionista de hotel em Balneário Camboriú, compartilhar uma paixão frustrada pela fotografia com Copi, e, inclusive, aparecer fisicamente em uma das fotos “tiradas” pela personagem.

A obra de Schroeder utiliza-se de ideias incomuns no romance: integra fotografias de Polaroid em meio ao texto, fotografias estas que dentro da obra são tiradas pela personagem Copi. Junto a essas fotografias acompanham-se textos que de alguma forma dialogam com a foto. O autor da obra descreve estes textos como poesias em prosa, nanoensaios e micronarrativas. Trabalhar com um romance como este, tão fluido em relação à utilização de outros gêneros no texto, como a poesia, a fotografia, bem como a complexidade da relação entre os personagens e o autor nos leva de encontro do conceito bakhtiniano de que o romance é um gênero inacabado, aberto às mudanças e em constante evolução.

O romance parodia os outros gêneros [...], revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom. (BAKHTIN, p.399)

Somado a este conceito bakhtiniano, temos Guacira Lopes Louro, que com seu livro *Um corpo estranho* (2020) conceitua a ideia do viajante. Partindo das novelas de formação e dos *road movies*, Louro elabora a ideia da viagem, inicialmente física, mas não somente, como motor para a mudança, para a transgressão e para a desestabilização do *status quo*. Com isto há base suficientemente estável para mover estas reflexões e questionamentos que seguem.

Na pós-modernidade, parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. [...] Não há um lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto. (LOURO, p. 13)

Desta forma, este trabalho parte de reflexões particulares balizadas por alguma teoria, mas não tão preso ao ponto de limitar-se a elas, não por crer que estas sejam insuficientes, mas sim para abrir espaço a impressões pessoais e, de certa forma, propostas de interpretações. Não cabe neste trabalho fechar um cerco e definir uma interpretação final da obra de Schroeder, e, sim, explicitar a forma como esta obra dialogou e proporcionou uma viagem, nos termos de Louro, para este que foi o leitor de Schroeder e agora autor deste texto.

Este trabalho está organizado em capítulos que representam temas centrais identificados na obra de Schroeder; contudo, os temas transbordam de um capítulo a outro, dado que estão intrinsecamente interligados. Por exemplo, apesar de haver um capítulo específico para a fotografia de Copi, é impossível analisar a solidão presente na obra, que possui um capítulo dedicado, sem retomar as fotografias de Copi.

COPI E RENÊ, VIAJANTES PÓS-MODERNOS

A utilização da viagem enquanto recurso narrativo para a transformação de personagens é algo presente em *As fantasias eletivas*; contudo, não é um traço incomum na literatura queer, já que podemos encontrar isso como um ponto central no romance *Todos nós adorávamos caubóis*, de Carol Bensimon, focado na viagem de duas mulheres pelo Rio Grande do Sul. Nesse romance, as personagens Cora e Julia se reaproximam depois de anos e embarcam em uma jornada de descoberta tanto de suas identidades quanto de suas sexualidades.

A personagem Copi, em *As fantasias eletivas*, é uma viajante não apenas fisicamente, dado sua trajetória de Mendoza até Balneário Camboriú, mas também é uma viajante nos termos de Guacira Lopes Louro, possibilitando o trânsito e o desenvolvimento da identidade de Copi.

[...] soube da trajetória de Copi: do nascimento em Las Heras, na província de Mendoza, até o curso de jornalismo em Buenos Aires, onde caiu na noite portenha. O estágio como assistente de *El Clarín*, as tentativas de seguir os caminhos da escrita e seu retorno para Mendoza. E, por fim, a coragem de fazer o que achava que devia fazer. (SCHROEDER, 2014)

Para Louro, o viajante pós-moderno foge dos limites tão bem estabelecidos pela heteronormatividade, rompendo vínculos culturais, sendo que uma das formas de rompimento é expressando-se através de paródias, como as *drag queens* com suas performances do feminino que apresentam uma ambiguidade no gênero e na sexualidade que escancara a construção do gênero em uma sociedade fundamentalmente heteronormativa. Louro também afirma que os viajantes pós-modernos costumam encontrar mais prazer, não na destinação final, mas sim no processo de mudança, na viagem, na busca pela sua identidade, creio que isto torne-se mais claro no diálogo com Renê: “[...] Há duas maneiras de lidar com o desejo: ou você apaga com o extintor, que é o que as pessoas geralmente fazem, ou você deixa o fogo se alastrar. Eu resolvi me incendiar [...]” (SCHROEDER, p.50).

Contudo, apesar do claro enquadramento que Copi enquanto uma viajante, creio que seja possível expandir essa ideia para abarcar também Renê, visto que a

heteronormatividade não atua somente no âmbito do gênero e da sexualidade do indivíduo, mas também tenta reger como a vida deve ser vivida. Entretanto, Renê, dentro desta heteronormatividade, seria considerado como um divergente, visto seu divórcio, consequência de uma tentativa de suicídio que colocou a vida de seu filho em risco, episódio este que resultou não somente na ruptura de seu casamento, mas também na relação familiar com seu filho, mãe e todo seu núcleo, tornando-se, efetivamente, tão solitário quanto Copi.

Esta tentativa de suicídio denota uma fragilidade em Renê, um ponto de ruptura levado ao extremo, algo que é indesejável para heteronormatividade, visto que esta estimula, principalmente nos homens cis e heterossexuais, uma cultura de virilidade, provedor, o “macho”. O desabamento de seu casamento e de suas relações familiares também denotam esta fragilidade e esta incapacidade de cumprir com este papel do homem heteronormativo. Nota-se, também, que ao longo do romance Renê busca ter encontros com diversas mulheres e nenhuma dessas relações avança, falhando também nesse aspecto da heteronormatividade. Contudo, isto abre as portas para a viagem de Renê, já que, sem conseguir ocupar este papel heteronormativo, ele se vê obrigado a ser um desviante e, também, um viajante.

A relação com Copi começa de forma hostil (quando Copi vai até o hotel onde Renê trabalha entregar seu *book* e arremessa seu salto em Renê), mas vai desenvolvendo-se após uma trégua entre os dois, que começam a passar tempo juntos e a realmente conhecer um ao outro melhor. Um importante marco da evolução dessa relação é a forma como Renê refere-se a Copi: inicialmente chamando-a de “traveco” (forma pejorativa e ofensiva de referir-se a travestis), com o desenvolvimento da relação Renê passa a referir-se a ela como Copi e como amiga.

Renê segurou a foto da menina no trilho e não conteve as lágrimas: lembrou daquela tarde, havia duas semanas, em que estava sentado na cozinha de Copi tomando um Malbec que ela trouxera de Mendoza, e como ela parecia eufórica, feliz e radiante naquela tarde. Era injusto que estivesse morta agora, mas o que é a justiça? É coisa de homens, não de deuses, nem de travestis. (SCHROEDER, p.53)

Louro descreve a possibilidade de que um viajante, como Copi, fomente a desestabilização do outro, criando espaço para explorar o desconhecido e

interrompendo o comodismo. Não significa que Renê irá seguir os passos exatos de Copi, mas sua figura provocadora possibilitará a Renê ampliar seus horizontes e construir novas percepções sobre o mundo (LOURO, p.23-24).

A atitude de Renê, no final do romance, de comprar uma câmera e praticar fotografia, bem como emoldurar uma das Polaroid de Copi e rabiscar poesias denota o processo de transformação pelo qual o protagonista do romance passa, um personagem que no início do romance encontra-se constantemente aflito, torna-se, pelo menos, capaz de expressar seus sentimentos e continuar essa viagem iniciada pela relação com Copi.

[...]E, certo dia, o pobre Renê comprou um filme Polaroid no camelódromo em frente à igreja Matriz, e começou a bater fotos. E descobriu que há coisas piores que a solidão. (SCHROEDER, p.106)

FOTOGRAFIA E ESCRITA DE COPI

“[...] Não consigo mais escrever sem as fotografias, eu só consigo escrever se tiver fotografias, estou presa”, é o que diz Copi para Renê ao relatar sua relação com sua Polaroid, fotografando objetos e pessoas, de forma a retratar a solidão. “No fundo, não somos nós que a manipulamos [a fotografia], é ela que nos manipula.” (p. 75), diz Flusser em *Filosofia da Caixa Preta* (2018).

Flusser nos atenta para a possibilidade de sermos manipulados pela câmera fotográfica e seguir sua lógica industrial, reproduzindo aquilo que a câmera nos seduz a sacá-la e fotografar, o que para Roland Barthes seria definido como uma fotografia unária, aquela que simplesmente reproduz a realidade, sem realizar nenhum tipo de provocação, questionamento, reflexão. Copi acredita fielmente que sua produção artística, não apenas sua fotografia, mas também sua produção literária, se enquadra nesse amadorismo.

Contudo Flusser também atenta para que esta aparente falta de simbologia da imagem técnica, definida pelo autor como as imagens pós-históricas que imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo, onde a fotografia está localizada, é na verdade um engano, sendo a fotografia tão carregada de simbologia quanto uma pintura ou um desenho. Afinal, apesar da interface aparelho-operador ser algo fechado e de difícil compressão (disto parte o termo “caixa preta” utilizado por Flusser), a fotografia ainda é a visualização do mundo de acordo com a ótica do fotógrafo/operador. Ou seja, apesar de a fotografia partir de uma série de efeitos óticos e projeções que culminam na representação aparentemente fidedigna do mundo real, não deve ser subestimada a capacidade de o operador incutir seus sentimentos, sensações e visão particular de mundo, inserindo-se dentro de sua fotografia.

[...] não domino e nem estudei as técnicas de fotografia, nem tenho bons equipamentos fotográficos[...]. Tudo que já escrevi é puro lixo: contos de merda, a porra de um romance, estou presa. [...]” (SCHROEDER, p.65-66)

Isto deflagra a baixa autoestima de Copi, pois, ao observarmos as fotos de Copi, é notável que ela consegue nos atrair para um *punctum*, para utilizarmos os

termos propostos por Barthes (2022), principalmente através da combinação de suas fotos com poesias: “Numa pesquisa de invisibilidade social, os rejuntos de pisos cerâmicos e porcelanato foram apontados como os verdadeiros párias. Ninguém os percebe, ninguém os elogia” (SCHROEDER, p. 82). Em um primeiro momento, podemos imaginar que Copi está simplesmente referindo-se a um piso cerâmico, mas é possível transbordar a interpretação para a própria Copi, escancarando a invisibilidade dela, da travesti, tratada como pária, rejeitada, isolada. Desta forma, a personagem é capaz de utilizar-se de uma foto que talvez não possuísse um *punctum* para o *spectator* comum; porém, através dos textos que acompanham as fotos, escritos pela própria personagem, ela nos permite acessar este *punctum* observado pelo *operator*, ou seja, o fotógrafo, no caso, a própria Copi, permitindo que nós, observadores, mergulhemos na complexidade da personagem.

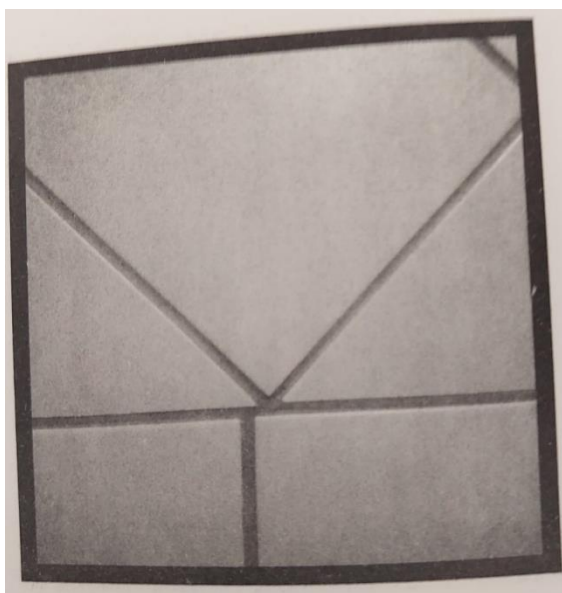


Figura 1 O rejunte do piso (SCHROEDER, p. 82)

através da construção de um vínculo com Renê. Porém, a solidão de Copi transborda e esta passa a enxergar a solidão no mundo em geral, nos bancos de praça, nos alarmes de incêndio, nos rejuntos....

No estudo de Giongo (2012), em que se realizou uma pesquisa com travestis e transsexuais que vivem da prostituição, é notório como a relação familiar inexistente ou abalada é unânime entre as participantes da pesquisa, bem como uma relação de conflito entre si mesmas, impedindo a formação de vínculos e ou uma rede de apoio. Isto é refletido em Copi também, que é excluída do seu núcleo familiar em Mendoza, na Argentina, e vive solitária em Balneário Camboriú, tendo essa solidão, de certa forma, rompida

Um pino de incêndio é a coisa mais solitária que existe: ninguém quer tocá-lo. E quando o tocam é algo tão rápido, tão violento: em poucos segundos alguém o pega e o joga contra um pequeno vidro, ele fica lá, sozinho, agredido (muitos pinos morrem em decorrência de traumatismos), pendente, usado. (SCHROEDER, p. 84)

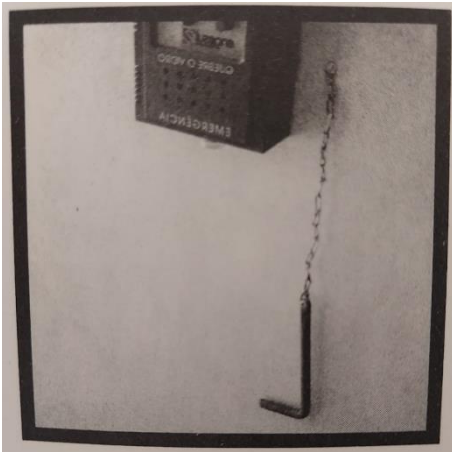


Figura 2 O pino de incêndio
(SCHROEDER, p. 84)

Na sequência fotográfica de Copi, principalmente com o auxílio dos textos sobre cada foto, podemos notar como as fotos não dizem necessariamente sobre os objetos em si, mas sim sobre os transbordamentos de Copi, uma travesti que é rejeitada assim como o pino do alarme de incêndio, que é tocada, usada por alguns instantes, enquanto se prostitui, mas logo em sequência descartada, evitada e abandonada.

Há imagem mais insólita que a de uma pizza, inteira, sobre uma mesa? Ela sabe que será devorada, e, mesmo assim, sorri para seus algozes. Você imaginaria algo parecido na natureza humana? Seria como se a virgem pudica sorrisse para o estuprador fedorento ou o atropelado agradecesse ao motorista imprudente. A pizza sabe que será esquartejada, triturada, e mesmo assim se mostra vistosa, alvissareira e cordial. Uma pizza é um gesto de renúncia, um exemplo. (SCHROEDER, p.90)

E assim, Copi amplia seus sentimentos em relação à prostituição, à renúncia que esta fez em relação à família, aos estudos, ao jornalismo, em prol de assumir a identidade que desejava, deixar de ser Sebastián Hernández e tornar-se Copi.

Um dos temas centrais da fotografia de Copi é a solidão. Em diversas fotos Copi expressa a solidão de objetos, como de um orelhão, citando, em um nanoensaio, como dito pelo autor da obra, que os telefone públicos são completamente excluídos, graças aos celulares e que 78% desses orelhões seriam usuários de entorpecentes. Este é mais um ponto em que se pode notar o transbordamento da personalidade de Copi para dentro da fotografia. Copi é usuária de entorpecentes, principalmente crack e maconha (em estudo de Passos (2004), nota-se que em torno de 80% das travestis em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, eram usuárias de algum tipo de entorpecente não-injetável). Não há nada

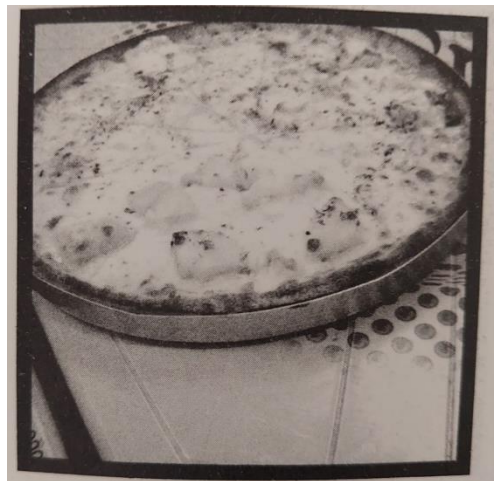


Figura 3 A pizza (SCHROEDER, p. 90)

que prove uma correlação direta entre o número que Copi atribui aos telefones públicos e o número citado na pesquisa de Passos, contudo creio que seja razoável inferir certa causalidade entre esses números, o que levaria a interpretação de que Copi, ao referir-se aos orelhões, na verdade diz não apenas de si mesma, mas sim de todo o grupo de travestis. Nesse ensaio Copi cita que em “[...] todos os cantos do país é possível vê-los, sempre sozinhos, cabisbaixos e tristes, à espera de um milagre” (p. 89).

Copi expressa sua incapacidade de escrever sem apoio da fotografia, como se uma arte complementasse a outra; contudo, creio que isto também pode ser interpretado como uma incapacidade de expressar o mundo em que vivemos, tanto por um meio quanto por outro, não apenas restrito a Copi, mas sim como algo generalizado. A personagem destaca a mudança de comportamento das pessoas: em geral, “você não vê mais as pessoas namorando na rua, quase não vê o beijo, o afago, aquele abraço prolongado. Apenas o mecânico e desgastado andar de mãos dadas.” (SCHROEDER, p. 60), mostrando que a frieza e o distanciamento contemporâneo não se encontram apenas na cidade, mas também nas próprias pessoas que compõem essa cidade; que há uma priorização de demonstrar posses materiais, financeiras, mas uma recusa do afeto, da própria relação humana:

Nos permitimos exibir nossos carros, a porra desses tijolões, os celulares, mas temos vergonha de fazer um carinho, dar um beijo prolongado na nossa companhia em plena rua. É o claro isolamento do afeto, do toque, do gesto. (SCHROEDER, p. 61).

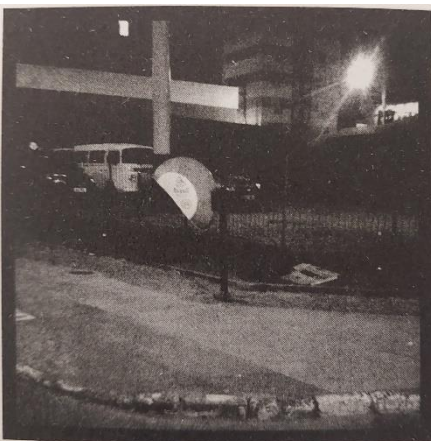


Figura 4 O telefone público (SCHROEDER, p. 89)

É interessante notar que Copi se inclui entre estas pessoas que não são mais capazes de demonstrar afeto ao utilizar a primeira pessoa do plural, ou seja, apesar de sua capacidade em notar essas questões ela mesma não está isolada, ou de alguma forma, imune. Isto gera um sentimento de revolta em Copi, como se pode notar quando comenta com Renê que jogou sua televisão fora, objeto este, que para a personagem, também está atrelado a esse distanciamento das pessoas. Contudo, apesar desse

cenário negativo, Copi dá um breve vestígio de esperança ao comentar dos “adolescentes [que] ainda se beijam ardorosamente, ficam pendurados um no pescoço do outro ou mesmo partes para um amasso de proporções godzillescas” (SCHROEDER, p. 60). Não fica claro se a personagem realmente crê nesses adolescentes como esperança para um futuro menos distanciado, ou se apenas é uma questão de tempo até que esses adolescentes se tornem tão distanciados quanto os demais, já que Copi prevê, também, uma piora:

Não duvido de que alguns anos os celulares se transformem numa espécie de televisão. E na ausência, nas telas, vão-se os enamoramentos, vai-se a paixão, e fica um vazio enorme dentro do nosso peito. (SCHROEDER, p. 62)

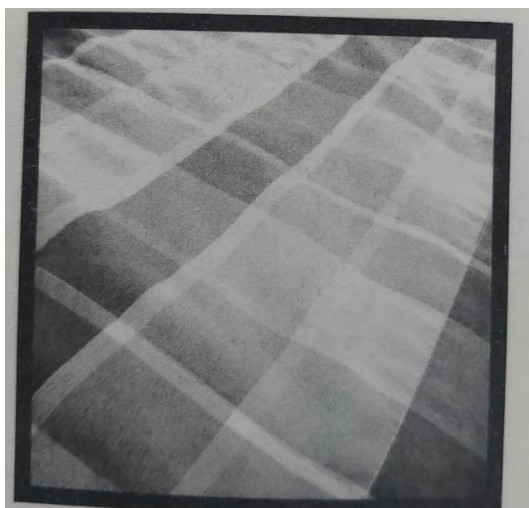


Figura 5 O tecido (SCHROEDER, p. 78)

Copi em outra de suas fotografias, esta de um tecido, compara o ato de lavar roupas, secá-las e guardá-las em um armário com torturas, como se o tecido estivesse sendo afogado, queimado e encarcerado. Anteriormente, Copi, esta diz que as roupas atuam como uma segunda pele do seu usuário, uma forma de adereço, encarceradores. Ao encarar esse tecido não como uma roupa, mas sim como uma segunda pele, como Copi propõe, pode-se interpretar

que esta segunda pele é a faceta pela qual o indivíduo permite ser visto pelos outros, sua personalidade ante os demais, que não necessariamente corresponde àquilo que este indivíduo realmente é.

Partindo deste pensamento, creio que, na verdade, os verdadeiros torturados não são esta segunda pele, e sim, aquele que a veste, que se sente forçado a assumir uma identidade que não corresponde ao seu verdadeiro eu. Realidade a qual todos estão, em maior ou menor grau, presos. Afinal, quem se sente realmente livre para ser, em público, quem é quando esta só?

Para Copi isto significaria a dificuldade em assumir sua identidade enquanto travesti. Largar a segunda pele que a protegia no jornalismo, nas relações familiares, não foi uma decisão fácil e trivial, como exposto na obra. O resultado dessa escolha a levou a abandonar a carreira de jornalista, resultou na expulsão do núcleo familiar e, também, na imigração para o Brasil, bem como na prostituição. Afinal, indivíduos LGBTQIA+, principalmente travestis e transsexuais, enfrentam uma gigantesca barreira não apenas no mercado de trabalho (que empurra esses indivíduos para subempregos e para a prostituição), mas também uma grande dificuldade em estabelecer relações estáveis e sólidas, como apontado no estudo de Giongo (2012).

Para o leitor, principalmente aquele que não está nesse espectro, este seria um convite para avaliar se esta segunda pele é realmente boa para si ou se é apenas uma roupa confortável e agradável (para retomar a metáfora de Copi). É cômodo poder esconder-se por trás da heteronormatividade, aproveitando dos benefícios que isso traz para um grupo e ignorando os problemas que surgem para os demais, aquelas e aqueles que não se enquadram nesse padrão. Creio que neste ponto Renê seja um personagem interessante: ele parte dessa heteronormatividade falida, pelos pontos já abordados, mas que ainda lhe garante algum nível de conforto. A relação desenvolvida com Copi desestabiliza isto, lhe permite enxergar que a travesti, o estranho, o queer, não está tão distante dele quanto, ao menos no primeiro contato com Copi, ele gostaria que estivesse (como ao tratar Copi com hostilidade). Desta forma, Renê atua como um contraponto a Copi e também como um ponto de acesso para que o leitor adentre esse espaço queer e ingresse nessa viagem.

Em uma das fotos mais potentes de Copi, a de uma menina solitária que chora em um trilho de trem, a personagem discorre para Renê sobre sua vontade de saber mais sobre a garota, perguntar seu nome, se tudo estava bem. Sua resposta a esta situação, na verdade, é fotografar a menina e ir embora o mais rápido possível com medo do que achariam de uma travesti tirando fotos de uma garota solitária. Copi expressa um desejo de conhecer essa garota, saber o que seria de seu futuro, qual profissão teria, se teria filhos. Contudo, como nenhuma aproximação foi realizada, Copi se vê incapaz de saciar esse desejo.

De certa forma, esse desejo de Copi também diz sobre a própria personagem: há um desejo em Copi de ser vista, de ser apreciada por quem é e não pelo seu corpo. Na narrativa, o momento de exposição dessa fotografia para Renê simboliza também

um momento de aproximação entre os dois personagens, de estabelecimento desse vínculo de amizade sincera, que apesar de não ser explícito nesse momento, se confirma ao final da obra quando Copi questiona Renê:

‘Ei, Ratón, você confia em mim?’

‘Claro, claro, você é minha amiga, porra...’

Renê chacoalhou a cabeça, achando engraçada a pergunta, fechou a porta e foi embora. Copi sorriu, satisfeita, e fitou a porta por uns instantes, deixaria a porta de fora, perdoaria as entradas e saídas, pensou. E começou a acariciar as paredes.” (SCHROEDER, p. 111)



Figura 6 A garota na linha de trem (SCHROEDER, p. 54)

TRANSBORDAMENTO DO ALTER EGO



Figura 7 O autorretrato (?) (SCHROEDER, p. 79)

Em uma das fotos de Copi, a de um espelho, é possível notar o reflexo do próprio autor, Carlos Henrique Schroeder, realizando a fotografia; contudo, na obra, é Copi quem realiza essa fotografia. Isto abre portas para considerarmos se a personagem não seria um alter ego desse autor. Não significa que Schroeder desejasse ser Copi exatamente, mas sim que pode haver um desejo de ocupar outro espaço, de viver uma outra vida, não em negação à vida que este autor possui, já que não cabe realizar inferências de sua vida pessoal,

mas sim representando uma abertura às possibilidades e multiplicidades do indivíduo.

Em entrevista dada para a Revista Francisca, as respostas do autor fornecem mais argumentos para esse transbordamento, já que ao ser questionado sobre as fotografias na obra comenta ser um fotógrafo frustrado, que se viu obrigado a escrever sobre essa sua obsessão, diálogo semelhante ao de Copi, que diz não ser uma fotógrafa e nem dominar as técnicas fotográficas, bem como sua relação, já discorrida, entre a fotografia e a escrita.

Porém, não apenas à Copi está restrito este transbordamento, já que na entrevista, Schroeder cita também ter trabalhado como recepcionista de hotel em Balneário Camboriú, assim como Renê. Dessa forma, é possível imaginar os personagens de *As fantasias eletivas* como formas de o autor exercitar essas suas fantasias e, ao menos no mundo literário, vivê-las na forma de Copi e Renê.

É interessante notar que esta multiplicidade do autor fragiliza sua figura em relação à heteronormatividade, pois como poderia um homem cis e heterossexual ver-se representado, de alguma forma, em uma travesti? Para uma heteronormatividade que não permite vacilos ou demonstrações de fraqueza, essa com certeza é uma ruptura relevante e transforma o próprio autor em um viajante, dado que este se permite transitar entre tantos pontos e possibilidades.

Este é um convite também para que o próprio leitor se torne um viajante, um alter ego de si mesmo. O que podemos aprender com Copi e Renê? Ou mesmo de nossas próprias fantasias eletivas? Imaginar-se ocupando diferentes espaços na sociedade, por mais que sem a experiência real e concreta disto é um exercício poderoso para a reflexão, nos permitindo incorporar pelo menos um pequeno vestígio, um traço, do que seria a identidade do outro. Por conta disso, a obra de Schroeder possui uma grande capacidade de dialogar com o leitor, diferente de obras mais tradicionais que possuem uma abordagem mais hermética em relação a esses transbordamentos, ou seja, o autor não permite que sua própria personalidade transborde para o texto, criando personagens fechados em si mesmo. A abordagem de Schroeder permite romper esse hermetismo e dialogar em níveis mais profundos com o leitor. Claro que obras tradicionais também possuem essa capacidade, mas isso depende de uma identificação entre leitor e obra, enquanto que Schroeder convida o leitor a vestir outra pele, desnudando-se, ao menos por um momento, de si mesmo e encarando uma realidade diferente da do leitor, que, a depender de quem seja, é uma realidade estranha, uma realidade queer.

SOLIDÃO PÓS-MODERNA NA OBRA DE SCHROEDER

A solidão é um sentimento ao qual todos os indivíduos estão ou estarão expostos em algum momento de suas vidas. Sentir-se só não é inerentemente ruim; em certos casos é até uma necessidade, seja para ter um momento de autorregulação e reflexão, seja para reabastecer suas baterias. O sentimento de solidão também não significa, necessariamente, estar solitário, ou seja, não está atrelado ao ato físico de estar só. Uma pessoa pode experimentar a solidão mesmo convivendo com familiares, amigos, colegas. Este distanciamento de pessoas que, a princípio, seriam próximas do indivíduo pode ocorrer de forma silenciosa, de forma tão gradual que pode passar despercebida pelos demais; contudo, essa solidão excessiva pode desviar deste sentimento positivo, de autorregulação, e partir para um lado pior.

A solidão pode vir de um sentimento de falta de pertencimento, de um isolamento involuntário, e pode resultar em um adoecimento do indivíduo, através da ansiedade social e da depressão. Nesse caso, tornam-se necessários cuidados terapêuticos para que o quadro não se agrave e resulte, por exemplos, em tentativas de suicídio. Mesmo após o tratamento isso poderá gerar sequelas, como uma dificuldade em se aproximar de pessoas, ou mesmo de confiar nela, dialogando sobre seus sentimentos e expondo-os de forma saudável.

No caso de *As fantasias eletivas*, há dois personagens que representam essa solidão levada ao extremo, Renê e Copi. O primeiro, isolado de seu núcleo familiar após uma tentativa de suicídio que colocou a vida de seu filho em risco; isolado também em seu trabalho, onde trabalha solitário como recepcionista noturno, interagindo ocasionalmente com seguranças, camareiras e clientes, porém sem estabelecer vínculos. Copi, por sua vez, apresenta grande dificuldade em estabelecer qualquer relacionamento que não sejam os relacionamentos comerciais com seus clientes; também isolada de seu núcleo familiar, assim como Renê, estes dois personagens apesar de suas muitas diferenças, possuem uma forte semelhança: a solidão.

No estudo de Giongo (2012), que trabalhou com diversas mulheres transsexuais e travestis, é comum o relato de abandono parental por conta de assumirem suas identidades, bem como a dificuldade em estabelecer vínculos

inclusive com parceiros, por conta de um sentimento de insegurança que as fazem sentirem que serão trocadas a qualquer momento, caracterizando em uma relação absente de afeto e carinho, construída de forma passageira e excessivamente vinculada à beleza física. Também entre as mulheres transexuais e travestis é notado uma dificuldade em formar vínculos; há sim uma forma de aliança, de proteção, entre aquelas que se prostituem contra preconceitos e violências de outras pessoas, mas não há espaço para formação de um núcleo de apoio. Pelo contrário, o que ocorre é a fomentação de um sentimento de competição e agressividade, desencadeado por uma necessidade de conquistar clientes e realizar a manutenção dos mesmos. A exclusão de indivíduos queer de espaços tipicamente dominados pelo sistema heteronormativo empurra esses sujeitos para a prostituição, onde tais comportamentos são notados e reforçados. Na obra de Schroeder o único momento em que se nota, de fato, uma atitude agressiva de Copi é quando, em uma das primeiras interações com Renê lhe arremessa um sapato.

Contudo, através das fotografias de Copi é notável o sentimento de solidão que esta carrega. Ao expor suas fotos e textos para Renê, Copi diz: “Eu encontrei algumas coisas mais solitárias do que eu.” (SCHROEDER, p.67). A fotografia e a escrita de Copi é o meio pelo qual consegue expressar sua solidão ao humanizar bancos de praça, telefones públicos, tecidos, entre outros objetos inanimados. Copi abre uma porta para seu próprio sentimento de solidão e dialoga com este.

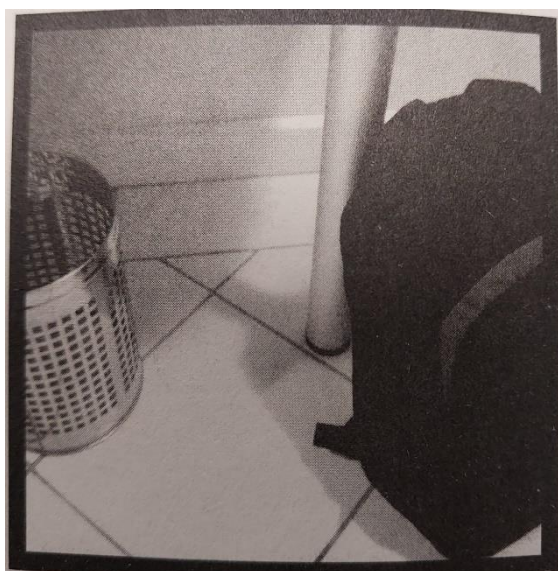


Figura 8 A mochila e a lixeira (SCHROEDER, p. 76)

Elas choram, a lixeira e a mochila, e bem que a mochila poderia abraçar a lixeira, mas nem uma nem outra sabem que podem, sim, que podem. Um abraço, só um abraço, assim como a morte abraça a vida uma vez, uma só, na história de cada animal. (SCHROEDER, p.76)

Nessa foto, que apresenta uma lixeira vazia e uma mochila no chão do que aparenta ser um quarto, Copi possibilita a discussão sobre esta solidão não solitária, o distanciamento involuntário entre indivíduos e a ausência do afeto, temas recorrentes na

obra de Schroeder. Copi não possui uma relação de proximidade com nenhum personagem da obra, exceto Renê, que é uma relação construída ao longo da obra. Creio que isto explicita a dificuldade de uma travesti relacionar-se com outros, pois não é explicitado em nenhum momento a relação de Copi com outras travestis, subentendo que, ou estas relações são inexistentes, ou está vinculado ao círculo de individualidade e competitividade discutido anteriormente. Mesmo a relação de Copi com seus clientes é pautada puramente no ato sexual e na troca de um serviço (a prostituição) pelo dinheiro, para Copi todo e qualquer trabalho é uma forma de prostituição:

É tudo prostituição, meu caro, tudo, uns vendem o corpo, outros a cabeça, alguns seu tempo, é tudo putaria, todo mundo dá o cu. (SCHROEDER, p. 50)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pode ser observado, a obra *As fantasias eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder, permite uma ampla gama de interpretações, sendo uma obra que foge da convencionalidade de romances tradicionais, permitindo a interferência de outros gêneros ao longo da obra, como poesias, ensaios e fotografias. A obra aborda temas contemporâneos da pós-modernidade, como o distanciamento afetivo entre os sujeitos, a individualidade, a violência e a solidão.

O autor da obra se permite inserir-se dentro de sua obra ao trazer características em seus personagens que refletem diretamente sua vida pessoal e que não devem ser tratadas como meras coincidências, como a paixão frustrada tanto do autor quanto de Copi pela fotografia, quanto o histórico de trabalho em hotéis em Balneário Camboriú compartilhado com Renê. Isto abre espaço para que esses personagens sejam interpretados como alter ego de Carlos H. Schroeder, adicionando uma maior profundidade à obra.

A multimodalidade da obra, integrando fotografia com escrita permite reflexões sobre a incapacidade, na pós-modernidade, de representar a realidade através da fotografia ou da escrita. Aliado a isto, as fotografias de Copi, humanizando objetos, criando sentimentos para estes, propicia a reflexão sobre a solidão a partir de um ponto de vista não usual.

Desta forma, este trabalho buscou agregar algumas destas reflexões realizadas durante a leitura da obra de Schroeder, como a violência em relação a pessoas LGBTQIA+, principalmente mulheres transexuais e travestis, a opressão causada pelo sistema hegemônico heteronormativo, que afeta negativamente tanto os sujeitos LGBTQIA+, como Copi, quanto sujeitos que se enquadram como heterossexuais e cis, como Renê, dado que a busca por se enquadrar neste padrão, torna-se tão opressora quanto o não pertencimento a este grupo, tornando sujeitos como Renê queer, no sentido estrito de desviante, diferente, estranho, dado que este é um personagem que foge a este padrão. O mesmo raciocínio, como visto ao longo do trabalho, pode ser expandido para o autor da obra, Carlos H. Schroeder, dado que este se permite, através de alter egos, incorporar estes sujeitos queer.

REFERÊNCIAS

AFONSO; FERNANDO. Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis entre prostitutas e travestis de Ribeirão Preto (SP), Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 16, n. 2, p. 95–101, 1 ago. 2004.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 439

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022. p. 112

BENSIMON, C. **Todos nós adorávamos caubóis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2023. p. 144

GIONGO, C. R.; MENEGOTTO, L. M. D. O.; PETTERS, S. Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 4, p. 1000–1013, 2012.

LIMA, A. **Autor revela detalhes da criação de “As fantasias eletivas”**. Disponível em: <<https://www.revistafrancisca.com.br/autor-revela-detalhes-da-criacao-de-as-fantasias-eletivas/>>. Acesso em: 15 set. 2024.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 109

SCHROEDER, C. H. **As fantasias eletivas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 111